



MERCADO COMEÇA A REGISTRAR ALTERAÇÃO NO CONSUMO DE BRÁSSICAS

O Natal está à porta e esta é, por excelência, a época de maior consumo de brássicas. Rara é a casa do país que, nesta quadra, não tem uma travessa com couve portuguesa à sua mesa, a acompanhar as batatas e o bacalhau. Fomos falar com alguns produtores para sabermos como está o estado da fileira em geral.

Aida Borges

A couve portuguesa é típica da região Norte do País e é sensível ao clima, sendo que as melhores produções ocorrem a temperaturas baixas, em terrenos férteis e húmidos.

Na Hortapronta, a produção de brássicas «está dividida em duas épocas: a produção de Primavera/Verão, cujo destino das couves é apenas no mercado nacional, e que nesta campanha foi um pouco inferior à do ano anterior; e a campanha de Outono/Inverno, onde uma boa parte da produção se destina à

exportação, e que este ano teve um comportamento de vendas idêntico ou um pouco inferior ao ano anterior», explica Humberto Bizarro. O responsável de produção desta empresa do Oeste partilha: «Comercializamos couves coração, couves lombarda, couves repolho e roxa, couves-flor e couves brócolo, e couves portuguesas, estas essencialmente na época do Natal; há sempre novas variedades a serem experimentadas, e em relação ao consumo nota-se uma tendência para o aumento

das couves roxas e repolhos lisos. A qualidade é sempre momentânea, existem campos de muito boa qualidade e outros de qualidade inferior, salvo a exceção de um fenómeno meteorológico que ocorra e estrague todos».

Operadores desestabilizam mercado

Com uma área de produção que ronda os 500 hectares, com a maior parte da produção certificada em Global Gap, na Hortapronta «as quantidades são idênticas todos os anos, o rendimento é que tem baixado, pois os custos de produção e embalagem têm subido muito e os preços de venda não têm acompanhado».

No que toca às ameaças fitossanitárias com as culturas, «há sempre o desafio de tentar produzir o melhor possível, mas às vezes aparecem problemas que causam maiores dificuldades, como são os casos das traças, das lagartas, dos afídeos e de algumas doenças». Contudo, um dos maiores constrangimentos, neste momento, «é a existência de muitos operadores, uns que cumprem as regras legais, mas outros que não, e que vão desestabilizar o mercado», sublinha.

Esta empresa comercializa para o mercado nacional e também para o mercado europeu. «As exportações são muito importantes para nós, normalmente de Dezembro a Maio. Os preços estão muito instáveis, com grande flutuação, mas a realidade actual é que o rendimento tem vindo a baixar e, neste momento, não pode baixar mais sob pena de muitos agricultores e

operadores não conseguirem continuar a sua actividade», conclui Humberto Bizarro.

Mercado procura novos produtos

Na Querfrutas Dois só se produzem couves para o Inverno: «A nossa última campanha foi em 2020 e foi melhor que em 2019, mas também impulsionada pelo facto de termos feito algumas alterações no faseamento das plantações e na adubação», conta Ana Ângelo. Na empresa, que tem espaço próprio no MARL (Mercado Abastecedor da Região de Lisboa), produz-se maioritariamente «couve portuguesa e brócolo e algumas coração e lombarda», explica a responsável, acrescentando que «há cerca de três anos, em termos de couve portuguesa, houve uma viragem ao nível da variedade e o mercado começou a procurar uma variedade mais pequena (Mariot), ao invés das tradicionais Beiras». A área de produção da Querfrutas Dois, no que concerne às brássicas, ronda os está entre os dois e os quatro hectares, tudo em modo de produção integrada. «Em termos de quantidade, este ano, vamos colher menos porque plantámos menos e mais dispersamente, não tão concentrados na época do Natal», continua.

Hortalças com qualidade superior

«Este ano esperamos ter melhor qualidade, porque fizemos alteração ao nível da adubação, de modo a termos menor necessidade de mão-de-obra. Até à data não nos deparámos com



problemas sanitários. Na nossa opinião, os maiores constrangimentos que esta produção enfrenta de momento é apenas ao nível das temperaturas, que limitam a evolução das culturas como gostaríamos, mas é o habitual da época», explica a responsável.

Actualmente, a empresa escoia toda a produção no mercado nacional, mas já chegou a exportar para França. Em relação aos preços, «de 2020 em relação a 2019 pouca ou nenhuma

alteração houve, acreditamos que de 2020 para 2021 também não haverá muita diferença, pois este é um mercado com pouca oscilação de preço entre campanhas, a oscilação é maior entre meses de colheita devido à procura e à oferta», finaliza Ana Ângelo.

Redução das margens de lucro

A RibaHorta concentra a produção de couves no Outono, Inverno e Primavera. «Ou seja, para nós a campanha começou há um ou dois meses e teremos mais quantidade a partir de Janeiro. Tanto durante a campanha passada, como nesta que agora decorre, os preços nunca subiram muito. Não tem sido uma cultura que nos deixe grandes margens de lucro. Para as couves, assim como para a generalidade dos hortícolas que produzimos e exportamos, o rigor do Inverno na Europa irá ditar a evolução dos preços. Se o Inverno for rigoroso e dificultar a produção de couves no Norte da Europa, teremos uma boa campanha de exportação com bons preços. Todavia, mesmo que isto aconteça, a conjuntura actual de preços de embalagens, factores de produção e combustíveis a preços astronómicos não nos deixam antever margens de lucro significativas», partilha Rui Santos.

O engenheiro agrónomo acrescenta que a sua casa cultiva principalmente couve coração e algum lombardo. «Nas plantações que fizemos durante o Verão, e que estamos a colher, houve alguma incidência de pragas (afídeos e lagartas), mas tudo dentro do esperado e controlável. Por agora, o produto que está no campo desenvolve-se sem problemas de pragas ou doenças e esperamos ter boa qualidade». Na RibaHorta, a produção é destinada quase na sua totalidade ao mercado europeu. ●



